Ciência brasileira ressurge na Antártida

Programa avançou apesar da destruição da Estação Comandante Ferraz, há dois anos

Herton Escobar

CIÊNCIA

Dois anos depois do incêndio que destruiu a Estação Antártica Comandante Ferraz (EACF), em 25 de fevereiro de 2012, a ciência brasileira não só se recuperou da tragédia como vive seu melhor momento no continente gelado. “Matamos o mito de que o programa antártico brasileiro ia parar”, diz Jefferson Simões, pesquisador da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e coordenador-geral do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia da Criosfera. “O impacto foi mais psicológico do que científico.”

Segundo ele, as pesquisas já estão “100% normalizadas”, com o apoio dos dois navios antárticos da Marinha – o Almirante Maximiano e o Ary Rongel – e da base provisória que foi montada sobre o heliponto da antiga estação, no início de 2013, já totalmente operacional, com cerca de 1 mil metros quadrados de área útil.

“As instalações provisórias estão funcionando muito bem, com boa infraestrutura para alojamento e necessidades básicas de pesquisa”, disse ao **Estado** por e-mail a pesquisadora Rosalinda Montone, da Universidade de São Paulo, vice-coordenadora do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia Antártico de Pesquisas Ambientais, que está agora na Antártida.

Segundo o contra-almirante Marcos Silva Rodrigues, que coordena o Programa Antártico Brasileiro (Proantar), 25 projetos de pesquisa estão em curso na Antártida neste verão (período de outubro a março, quando é possível operar na região): 12 a bordo do Almirante Maximiano, 7 no Ary Rongel e 6, na base provisória.

A expectativa é de que o volume de pesquisas cresça nos próximos anos. O Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) lançou em setembro o primeiro edital específico para o Proantar em quase cinco anos, no valor de R$ 13,8 milhões. Vinte projetos foram aprovados.

Futuro. A construção da nova estação está prevista para começar no verão antártico de 2014-2015 e terminar no de 2015-2016, conforme estipulado na licitação que foi aberta para a execução do projeto. A abertura dos envelopes com as propostas está marcada para amanhã, em Brasília, e a expectativa da Marinha é anunciar o vencedor logo após o carnaval. A seleção será pelo menor preço, após qualificação técnica.

A licitação já deveria ter sido concluída em dezembro, mas a abertura dos envelopes foi suspensa um dia antes da data, por causa de questionamentos técnicos levantados pelas empresas interessadas. O prazo para conclusão da obra, que era de um ano, foi estendido para dois, “divididos em 300 dias de trabalho efetivo no local de construção da nova EACF, durante dois verões antárticos”, segundo o edital. “Não há previsão de novos adiamentos”, afirma Rodrigues, secretário da Comissão Interministerial para os Recursos do Mar (Cirm).

O tamanho da estação também aumentou em relação ao projeto original, de 2,8 mil m² para 4,5 mil m², com acréscimo de laboratórios e mais infraestrutura de segurança e geração de energia. “Vamos ter uma estação que será o estado da arte, entre as mais modernas do mundo”, promete Rodrigues.

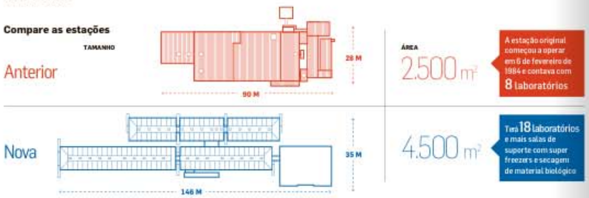
O custo estimado do plano, consequentemente, também cresceu: de R$ 72 milhões, no início de 2013 (quando o projeto arquitetônico foi escolhido), para R$ 110 milhões, em outubro (quando o projeto executivo foi finalizado), e agora, para R$ 145 milhões. Segundo Rodrigues, a variação deve-se ao aumento da estrutura física da base e à variação cambial do euro. “Desde o início dissemos que a estação custaria por volta de € 40 milhões”, diz.

A Estação Comandante Ferraz, base científica brasileira na Antártida, foi destruída por um incêndio em 25 de fevereiro de 2012, encerrando seus quase 30 anos de operação e deixando dois militares mortos

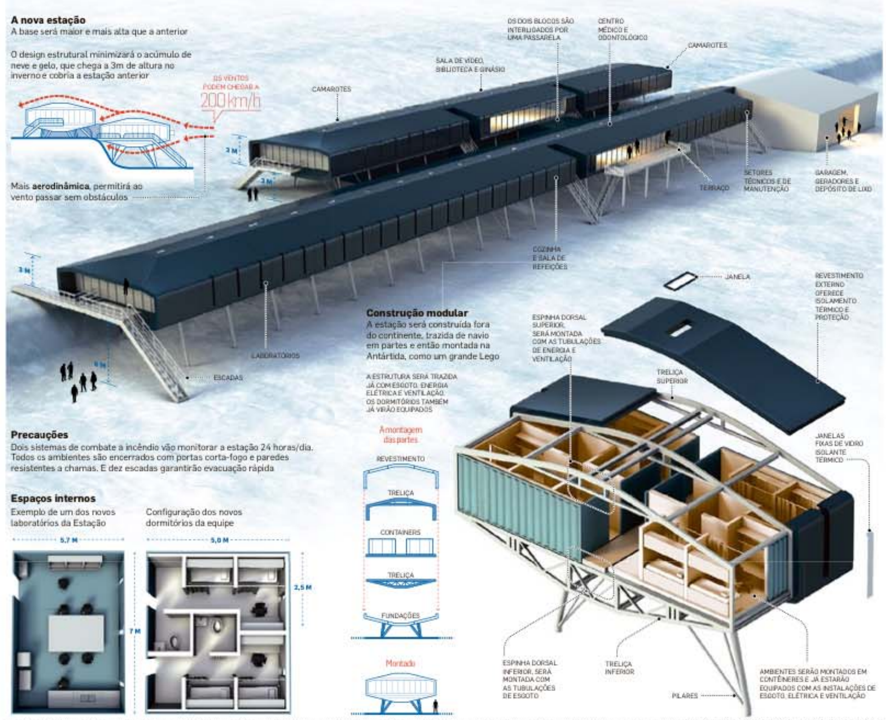
ARMADA DE CHILE/ESTADÃO

MAIS TECNOLOGIA

● O projeto para substituição da Comandante Ferraz já foi aprovado. A montagem só poderá ser feita nos verões antárticos (outubro a março) de 2015 e 2016



FONTE: PROF. DRA. CRISTINA ENGEL DE ALVAREZ (UFES), PROF. DR. CLÁUDIO WILSON MENDES JÚNIOR (FURG) E MARINHA BRASILEIRA



INFOGRÁFICO/EDUARDO ASTA, RUBENS PAIVA E JONATAM SARMENTO/ESTADÃO

‘Estamos ampliando cada vez mais nossa atuação’

Se por um lado o Brasil perdeu uma estação de pesquisa fixa no solo, por outro ganhou um navio de pesquisa oceanográfica bem equipado – o Almirante Maximiano –, com capacidade para levar a ciência antártica brasileira muito além da Baía do Almirantado, e um módulo de pesquisas remotas no interior do continente – o Criosfera 1, instalado 2,5 mil km ao sul da EACF.

“O programa antártico é muito mais do que a estação; estamos ampliando cada vez mais nossa área geográfica de atuação”, diz o glaciologista Jefferson Simões, que planeja a instalação de um segundo Criosfera para o fim deste ano. O módulo monitora continuamente uma série de parâmetros climáticos e envia os dados para os pesquisadores via satélite.

“Não vejo que houve piora (*após o incêndio*). Na verdade, melhoramos em vários aspectos, especialmente na infraestrutura para oceanografia”, diz a bióloga Vivian Pellizari, do Instituto Oceanográfico da USP, que acabou de voltar de uma expedição de 30 dias a bordo do Almirante Maximiano.

O navio, incorporado em 2009 pela Marinha, recebeu uma série de melhorias nos últimos dois anos. Entre elas, um guincho indispensável para a realização de pesquisas geológicas, até em águas profundas, como as da Passagem de Drake, entre a América do Sul e a Antártida. “O navio foi sendo equipado aos poucos e agora está maravilhoso”, elogia Vivian.

“Com exceção das duas vidas que foram perdidas, eu diria que conseguimos apagar da história qualquer sentimento de perda relacionada ao incêndio”, diz a coordenadora-geral de Mar e Antártica do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação, Janice Duhá. Dois militares da Marinha morreram no combate ao fogo. / **H.E.**

NA WEB
Videográfico. Veja os detalhes da base brasileira
www.estadao.com.br/e/ferraz

Militar será julgado em abril por danos e homicídio culposo

Segundo investigação, ele demorou a notar fogo em transferência de combustível; denúncia não impediu promoção

Marcelo Gomes / RIO

A Justiça Militar marcou para 23 de abril o julgamento de Luciano Gomes de Medeiros, de 46 anos, único acusado pelo incêndio que resultou na destruição da base brasileira na Antártida e na morte de dois militares que tentaram combater as chamas, em fevereiro de 2012. O processo tramita na 2.ª Auditoria da Justiça Militar no Distrito Federal. A ação penal não prejudicou a carreira militar de Medeiros: ano passado, ele foi promovido de primeiro-sargento a suboficial, posto mais alto na hierarquia de praças.

Medeiros foi denunciado pelo Ministério Público Militar (MPM) em dezembro de 2012 pelos crimes de homicídio culposo (sem intenção de matar) e dano em instalações navais e em estabelecimentos militares. Se condenado, pelo Código Penal Militar, pode pegar até 26 anos de prisão (até 6 anos pelas mortes e até 20 anos pelo dano).

Depois do incêndio, Medeiros foi desligado do Programa Antártico Brasileiro (Proantar). Segundo o advogado Jorge Vianna, que o defende na Justiça Militar, o suboficial trabalha na Escola Naval.

De acordo com a denúncia do MPM, por volta das 23h30 de 24 de fevereiro de 2012, Medeiros iniciou a transferência de combustível dos tanques de armazenamento para os de serviço da base do Proantar. Os equipamentos ficavam na praça de máquinas, próximo dos geradores de energia. Após acionar a bomba de transferência, o militar foi à sala de estar da base – o procedimento levaria meia hora. Segundo o MPM, ele permaneceu ali até 0h40 do dia 25, quando houve uma queda de luz.

Ao se dirigir à praça de máquinas, Medeiros deparou-se com o incêndio. A perícia constatou que os tanques de serviço transbordaram. O óleo diesel teve contato com partes quentes do gerador de energia elétrica. Em depoimento, Medeiros disse que permaneceu apenas 20 minutos na sala de estar, mas foi desmentido por testemunhas.

DIVULGAÇÃO/UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

Destruição. Perícia apontou que os tanques transbordaram